



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA

**SOBRE OS OSSOS DO OFÍCIO: A LITERATURA DE TERROR COMO
ESCOLHA E PROFISSÃO**

GABRIEL ANTONIO RICARTE CALÁCIA

BRASÍLIA – DF

2025



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA

**SOBRE OS OSSOS DO OFÍCIO: A LITERATURA DE TERROR COMO
ESCOLHA E PROFISSÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Departamento de Teoria Literária e
Literatura do Instituto de Letras da
Universidade de Brasília como requisito
parcial para a obtenção do título de
Bacharel/Licenciado em Letras – Português.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Patrícia Trindade
Nakagome

BRASÍLIA – DF
2025

RESUMO

O objetivo da presente monografia é fazer uma análise do gênero popular de terror na literatura através do papel do escritor como profissional, com foco na correlação entre as temáticas tipicamente abordadas no gênero e cenários da vida real. A pesquisa se baseou em especial nas obras e biografias de dois autores influentes, Stephen King e Clive Barker, e buscou estabelecer, em um primeiro momento, os aspectos que levam o terror para além do mero entretenimento; num segundo momento, analisou-se como os temas abordados pelo terror podem ter consequências pessoais na vida de seus autores, procurando assim refletir sobre o papel de “escolha” do escritor e as dificuldades que podem advir da profissão.

Palavras-chave: escritores; literatura popular; ficção de terror.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze the popular genre of horror in literature through the role of the writer as a professional, with a focus on the correlation between the genre's most typical thematics and real-life scenarios. The research was based especially on the life and work of two influent authors, Stephen King and Clive Barker, and sought to establish primarily the aspects which take horror beyond mere entertainment. Later, it also analyzes how the thematics of horror fiction can generate consequences in the lives of its authors, seeking then to reflect upon the role of the writer's “choice” and the difficulties that may arise from the profession.

Keywords: writers; popular literature; horror fiction.

SUMÁRIO

Introdução.....	5
Capítulo 1 – Sobre anatomia.....	8
1.1 “Sou fascinado por essas coisas”	8
1.2 “Nunca mais vou ver um filme de terror”	12
Capítulo 2 – Sobre os ossos do ofício.....	14
2.1 “Eu sabia que aquelas histórias o faziam se sentir mal também...”	14
2.2 “Saiu de um verdadeiro buraco na minha psique”	17
2.3.....	19
Considerações Finais.....	21
Bibliografia.....	23

Introdução

Quando tinha vinte e sete anos, pela primeira vez desde a minha infância ocorreu de morrer alguém que eu de fato conhecia. Era uma colega de trabalho, de um departamento diferente. Não éramos amigos, mas nos víamos todos os dias. Ao chegar no funeral, encontrei primeiro o dono da empresa, do lado de fora da capela onde repousava o corpo. Ele se vestia com as mesmas roupas de sempre e estava normal exceto pela ausência do sorriso e da maneira jocosa. Conversamos. Quando eu disse que ia entrar na capela e perguntei se ele vinha também, ele respondeu: “não, eu sempre fico do lado de fora.” Fiquei surpreso com a forma natural com que ele disse: “sempre”. Era como se tivesse criado esse hábito peculiar depois de frequentar funerais de caixão aberto toda semana.

Ninguém frequenta funerais toda semana — exceto, imagino, coveiros — mas há profissões que lidam com a morte e a violência diariamente. Podemos nomeá-las com facilidade: médicos e enfermeiros da emergência, policiais, bombeiros, legistas, agentes funerários, o autor de obituários no jornal. Uma profissão que não é levada em conta nessas listas, porém, é a de escritor.

Escritores, especialmente de gêneros populares da ficção como o terror e o romance policial, passam, aparentemente de bom grado, horas longas e trabalhosas de suas vidas na companhia de seres que podem ser considerados tão macabros e obscuros quanto cadáveres: demônios, fantasmas, assassinos em série, mais cadáveres. Apesar de ter “jogado pelo time” durante a primeira década da vida adulta, não cheguei a formular verbalmente a pergunta (*por quê?*) até que eventualmente percebi que era ela que me mantinha acordado à noite.

Pode-se usar o argumento de que os monstros e horrores da ficção são, justamente, ficcionais, que só existem no mundo de “faz de conta” da cabeça dos escritores e seus leitores, e dessa forma não correlacionados aos “horrores” da vida real. Mas é esta a questão: por que fazer de conta? Poderíamos escapar de ser escritores, escolher outras carreiras ou ofícios, ou outros tipos de arte. E, ainda que se assuma que não dava para não sermos escritores, há outros tipos de livro, não faltam opções. Ao invés disso, em algum momento optamos por este trabalho específico, ainda que não conscientemente e batendo no peito com orgulho. Um trabalho de “Dirty deeds done dirt cheap”.¹

¹ “Serviços sujos feitos de forma barata”, em tradução livre. Título de canção da banda australiana AC/DC e usado como epígrafe do livro *Quatro Estações*, de Stephen King.

Na experiência ao curso de uma década lendo o que outros autores disseram sobre o que escreviam e porque o faziam, me deparei mais frequentemente do que deveria com a apaziguável justificativa de que “não houve realmente uma escolha”². A melhor resposta para algumas questões, de fato, é aquela que não suscita mais perguntas. Neste trabalho, porém, pretendo adentrar a questão um pouco mais fundo. É verdade que, até certa medida, também acredito na história da “não-escolha”. Mas, como entendem as pessoas que abandonaram as religiões organizadas, é preciso aceitar que o mundo não gira em torno das nossas crenças particulares.

Parte do foco deste trabalho será uma breve análise de aspectos além do entretenimento no gênero de terror na ficção, cuja estética e escolhas narrativas não deixaram de ser alvo da crítica especializada, da igreja e da “Sociedade”, com S maiúsculo, como um todo. Na época da estreia do famigerado *O Exorcista*, em 1973, o respeitado crítico Roger Ebert, apesar de elogioso das atuações e dos efeitos especiais do filme, concluiu: “Não tenho certeza de que razões as pessoas terão para ver este filme; diversão certamente não será uma delas... As pessoas estão mesmo tão entorpecidas que precisam de filmes dessa intensidade para sentir ao menos alguma coisa?”³

A defesa, porém, não é menos fervorosa na voz de criadores e admiradores. Reconhecido como o mestre do gênero, Stephen King ressalta suas ligações com a vida cotidiana: “O apelo do terror sempre foi consistente. As pessoas gostam de reduzir a velocidade e olhar para o acidente. É assim”⁴. Numa resenha da aterradora e controversa obra *Livros de Sangue*, de Clive Barker, um usuário do site *Goodreads* comenta: “Ler este livro foi como estar num primeiro encontro incrível com uma pessoa misteriosa e espetacular, e não querer que a noite acabasse.”⁵ E o próprio Barker, no prefácio à sua biografia, estabelece uma divisão entre “um Nós e um Eles” que reconforta quem se depare, num momento de solidão, com o terrível “porquê”:

Você, que está lendo isto, é um de Nós. Está em busca do que é estranho, inquietante, ameaçador. Quer que os livros que lê, a música que escuta

² Ver seção 2.1.

³ EBERT, Roger. **The Exorcist Movie Review & Film Summary**. Disponível em: <https://www.rogerebert.com/reviews/the-exorcist-1973>. Acesso em: 08 de julho de 2025. Tradução livre.

⁴ ROGAK, Lisa. **Stephen King, a biografia – Coração Assombrado**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2013, p.260.

⁵ **Books of Blood: Volumes One to Three**. Disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/32626.Books_of_Blood?ac=1&from_search=true&qid=mx7x7ov7YL&rank=1. Acesso em: 08 de julho de 2025. Tradução livre.

e os quadros que vê proporcionem uma fuga do lugar-comum, do trivial, do convencional. Quanto a Eles, é óbvio, o que querem é o mesmo que tiveram ontem e anteontem; querem uma arte que reflita quem são, que reforce suas crenças. Querem o reconfortante, o soporífero.⁶

⁶ STOKES, Phil & Sarah. **Mundos Sombrios de Clive Barker**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2023, p.12.

Capítulo 1 – Sobre anatomia

Muito antes dos serviços de *streaming* (mas depois do silencioso funeral das locadoras de vídeo), a maior ambição minha e do meu melhor amigo aos 12 anos era assistir ao filme *Tubarão*, de 1975. Enquanto esperávamos juntar dinheiro suficiente do lanche da escola para comprar o DVD na internet, cada um mantinha a fixação com aquela criatura fascinante à sua maneira: mais propenso a atividades manuais e criativas, meu amigo fez um tubarão de papel; já eu passava incontáveis horas na internet olhando fotos de tubarões e de suas vítimas e lendo sobre eles na Wikipédia.

“Ninguém chora quando o Tubarão morre” é uma frase famosa atribuída ao produtor de cinema Dino DeLaurentiis⁷. Certamente não houve choro, mas me lembro de um grande e duplo “não!” em falsete quando o Chefe Brody heroicamente atira no tanque de oxigênio comprimido que o tubarão está mastigando de forma bastante cômica. Minha memória me falha no tocante ao que realmente esperávamos do final do filme, ou se esperávamos mesmo alguma coisa, mas a frase do meu melhor amigo ao rolar dos créditos, murmurada com um balançar de cabeça, ainda está bem clara na minha lembrança: “não acredito que eles explodiram o *Jaws*.”

Muito é dito e estudado a respeito de como o gênero de terror funciona em larga escala, especialmente no cinema e na literatura pós-pulp dos anos 60 a 90 nos Estados Unidos, agindo como espécie de termômetro das pressões sociais, políticas e até mesmo econômicas nos países ocidentais. É um ponto interessante que definitivamente merece atenção, mas também o é o impacto pessoal, a fascinação cotidiana que acompanha a todos, especialmente os jovens, gerando apreciações e até interpretações alternativas e imprevisíveis das obras — e desaguando, evidentemente, na própria escolha de algumas pessoas de elencar o terror como profissão, movimentando um gênero que consegue ser incrivelmente volátil dentro de formas repetitivas e familiares.

Antes de adentrar na questão artística, porém, pode ser útil tentar desmitificar um gênero que, tal qual as dinâmicas narrativas de um filme antigo para dois pré-adolescentes do século XXI, pode ser severamente incompreendido.

1.1 “Sou fascinado por essas coisas”

Mais de uma década depois de uma infância vendo fotos de vítimas de tubarões e assistindo a filmes como *O Enigma de Outro Mundo* (1982) e *Braindead* (1992), eu

⁷ Citado por KING, 2013, p.78.

estava no Clube Poliglota da Universidade de Brasília conversando com uma estudante do primeiro ano de Enfermagem. Como escritor de terror, eu tinha um interesse natural e inevitável por qualquer coisa que ela pudesse me contar: quer eu quisesse, quer não, sabia que a medicina e o funcionamento do corpo humano apareceriam no meu trabalho em algum momento. Eu sabia disso, inclusive, desde muito tempo: era uma história famosa para os fãs de terror que Stephen King foi bater na porta de seu vizinho, um médico aposentado, para sanar dúvidas que levaram a seu conto mais controverso, *Sobrevivente*⁸, onde um cirurgião fica preso em uma ilha deserta e tem de devorar a si mesmo para sobreviver.

Era longe das minhas ambições escrever algo tão terrível e gráfico (e, é preciso admitir, com um potencial macabro para a comédia) mas não é como se dúvidas do tipo nunca tivessem me ocorrido. As explicações da estudante naquele dia (que falava sobre suas primeiras aulas de anatomia em laboratório), porém, tomaram um rumo inesperado. Por um motivo que ainda não compreendo, um dos colegas fez uma pergunta muito óbvia sobre a localização de um órgão vital. Ela logo abandonou o inglês, despejando em cima de nós uma miríade de nomes com descrições precisas de tudo que existia (presumivelmente) dentro do tórax de todas as pessoas na roda de conversa. A cada órgão que citava, ela levava a mão ao próprio corpo, mostrando a exata localização.

Eventualmente, fiz uma piada a respeito de ela estar começando a nos assustar e, depois das risadas, perguntei se os estudantes costumavam se sentir mal nessas aulas.

“Alguns sim, mas é mais por causa do cheiro”, ela disse. “Mas o pior é que, às vezes, nós vemos [os corpos] de crianças... isso sim é complicado, por que você fica imaginando, sabe: quem era essa criança?”

O que ela disse me acompanhou pelo resto do dia: a menção às crianças, é claro, mas eu também estava pensando na reação extrema que tive à descrição dos órgãos vitais, que levou à minha piadinha nervosa. Tudo aquilo estava realmente aqui, pensei, no meu corpo, até mesmo a vesícula, que já fora retirada de todos os membros da minha família.

Quando se trata do corpo humano e seu papel nas histórias de terror, meu pensamento vai antes de mais nada a Clive Barker, escritor britânico cujas obras inspiraram tanto a minha repulsa como também minha curiosidade ao longo dos anos. O mais interessante sobre Barker é que ele é mais que um escritor: é dramaturgo, cineasta e artista visual. Numa entrevista ao *talk show* de Craig Ferguson, o apresentador nota as

⁸ Publicado no livro *Tripulação de Esqueletos* (1985).

calças peculiares que Barker veste e pergunta o que são as ilustrações nelas. “Peles humanas! (...) Eu que pinte! Sou fascinado por essas coisas”, diz o escritor, e brinca “é uma desculpa para olharem para a minha virilha.”⁹

Nascido em Liverpool, na Inglaterra, em 1952, Barker é ainda hoje mais lembrado pelo primeiro filme que dirigiu, *Hellraiser: Renascido do Inferno* (1987), uma produção pequena e quase artesanal que, apesar de já apresentar muito da filosofia pessoal do autor, ganhou um peso exagerado sobre sua imagem que seus biógrafos admitem ser às vezes “uma espécie de fardo sobre seus ombros.”¹⁰ A série sofrível de quase uma dezena de sequências do filme original (apenas o segundo dos quais teve algum envolvimento de Barker), certamente contribui para essa sensação.

Quem se aproxima do autor, porém, encontra algo inesperado e — naquilo que em uma palavra resume a fundação sólida por baixo de toda a boa história de terror — imaginativo. Na introdução à edição brasileira do primeiro volume da série *Livros de Sangue* (1984), pela Darkside Books, o autor brasileiro de terror Cesar Bravo lembra uma entrevista na qual, ao ser perguntado sobre qual seria sua ocupação (se escritor, pintor, roteirista etc.), Barker pensa por um instante e responde: “Eu sou alguém que imagina.”¹¹ De forma similar, um usuário do *Goodreads* questiona se Barker também gosta de ler livros de terror, já que os escreve. É algo nada incomum entre escritores de diversas áreas a busca por escapar de quaisquer rótulos literários com os quais possam ser reduzidos pela crítica e pelo público, e a resposta surpreendente de Barker prova que a questão não é tão simples:

Permita-me discordar. Não acho que eu escreva terror. Sou um homem que inventa mundos de luz e trevas, e às vezes algo no meio do caminho entre os dois, mas a ideia de escrever algo apenas para horrorizar as pessoas é um tanto banal, eu acredito. Eu quero perturbar e angustiar e acordar as pessoas para a condição do estado em que nos encontramos. E esse é o tipo de história que eu prefiro ler, também.¹²

⁹ Clive Barker interviewed by Craig Ferguson (“Clive Barker scares Craig Ferguson”). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yiYv4NpLc-k>. Acesso em: 08 de julho de 2025.

¹⁰ STOKES, Phil & Sarah, op. cit., p.15.

¹¹ BARKER, Clive. *Livros de Sangue: Volume 1*. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2020, p.15.

¹² Ask the Author: Clive Barker. Disponível em: https://www.goodreads.com/author/10366.Clive_Barker/questions. Acesso em: 08 de julho de 2025.

Talvez a melhor forma de se aproximar da obra desse artista plural seja a frase simples com que ele abre a coletânea de contos *Livros de Sangue*, coletânea de contos que o introduziu como um novo nome destaque no cenário literário do terror. A premissa por trás dessa longa série de seis livros é tanto assustadora quanto elegante: ela se inicia com um conto, *O Livro de Sangue*, no qual uma pesquisadora do paranormal contrata um médium para investigar uma suposta casa mal-assombrada, sem saber que o tal rapaz é um farsante, que finge com habilidade ter visões e encontros com os mortos. O problema é que a casa é, de fato, assombrada... Ofendidos pela farsa, incontáveis espíritos atacam o rapaz, escrevendo em sua pele as histórias terríveis que têm para contar (presumivelmente, as demais histórias presentes na coletânea).

Barker termina esta pequena fábula de forma hipnótica e quase bela, com um curioso apelo para o academicismo: apaixonada pelo rapaz, a doutora o resgata, afugentando os espíritos, e decide estudar o que foi escrito nele uma vez que as feridas cicatrizassem, sendo a “única tradutora” daquele Livro de Sangue. As palavras finais parecem deixar o mundo da ficção por apenas um instante, funcionando quase como um lembrete de que histórias assustadoras vão além do apelo comercial e dos sustos gratuitos. No mundo assombrado e sombriamente religioso de Clive...

Elas são um mapa daquela estrada escura que começa na vida e ruma a destinos desconhecidos. Poucos precisarão pegá-la. A maioria partirá de forma pacífica por ruas iluminadas, guiada para fora da vida com rezas e cuidados. Mas a alguns, alguns escolhidos, os horrores virão, forçando um desvio até a estrada dos condenados.

Por isso leia. Leia e aprenda.

Afinal, é sempre melhor estar preparado para o pior (...) ¹³

Antes dessa elaborada e conceitual justificativa, porém, Barker resume sua ideia de forma muito mais simples, com uma frase famosa que me veio à mente naquela tarde após as explicações da jovem estudante de anatomia. A epígrafe do livro diz “Todos somos livros de sangue. Sempre que abertos, vermelhos.” ¹⁴ Certamente, pensei naquele dia, o corpo humano é algo assustador: você sairia correndo se visse um esqueleto caminhando no meio da rua, ou um sistema nervoso ambulante conectado a um cérebro

¹³ BARKER, Clive, op. cit., p.35.

¹⁴ BARKER, Clive, op. cit., p.11.

com olhos pendurados... ainda assim, todas essas coisas estão dentro de você. Com objetivos bem menos sádicos do que se possa imaginar, a obra de Barker, e consequentemente várias outras que se encaixam no rótulo de terror, funciona quase como um “lembrete”, mesmo e especialmente daquilo que parece mais terrível de se pensar, como explica Stephen King:

Contando com a infinita criatividade do ser humano, nos apoderamos dos elementos mais polêmicos e destrutivos e tentamos transformá-los em ferramentas — para dismantelar esses mesmos elementos. (...) O sonho do terror é, na verdade, uma maneira de extravasar um desconforto...¹⁵

1.2 “Nunca mais vou ver um filme de terror”

Voltemos, por um breve momento, à estudante de enfermagem. “Onde não há imaginação, não há horror” é uma conhecida frase de Arthur Conan Doyle em *Um Estudo em Vermelho*, o primeiro livro do personagem Sherlock Holmes. No original, ela se refere ao fato de que, mesmo tendo experiências de violência inefável na guerra, Watson ainda se vê afetado pelo caso misterioso que ele e o parceiro estão investigando. “Há nisso um mistério que estimula a imaginação”¹⁶, Holmes explica. Num contexto de aulas de anatomia em laboratório, uma mente imaginativa talvez se veja com dificuldade de decorar extensos nomes científicos (ou de dormir à noite). Num contexto artístico relacionado ao terror, contudo, a frase pode ser facilmente subvertida: sem uma boa dose de imaginação, não se pode trabalhar nesse gênero, tão dependente de uma liberdade e criatividade quase infantis.

Mas o que acontece, então, quando a imaginação “sai pela culatra”?

Afinal — difícil, mas é preciso admitir — na noite após finalmente termos assistido a *Tubarão*, tive pesadelos a ponto de suar frio. Não foi com a atração principal (àquela altura já estava acostumado, imagino), nem mesmo a carcaça dela voando pelos ares que tanto nos chateou no fim do filme. Foi uma cena pequena e pouco importante, na qual a única aparição do tubarão se dá na forma de um enorme dente que ele deixou para trás.

¹⁵ KING, Stephen. **Dança Macabra**: o terror no cinema e na literatura dissecado pelo mestre do gênero. 2. ed. Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2013, p.29.

¹⁶ DOYLE, Arthur Conan. **Um Estudo Em Vermelho**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p.66.

Ao navegarem na noite com a sombria e delicada trilha sonora de John Williams, o Chefe Brody e seu novo parceiro, Hooper, encontram em mar aberto o barco encalhado de um pescador local, Ben Gardner. No que é uma versão marítima da famosa “cena do porão”, típica dos filmes de terror americanos, Hooper veste um traje de mergulho e desce de forma corajosa e clínica para investigar, apesar dos protestos nervosos de Brody. Afinal, um tubarão gigantesco e assassino está à solta! “Não se preocupe, Martin, nada vai acontecer”, garante Hooper.

Acho que acreditei nele.

Reconhecemos o que Hooper estava esperando encontrar quando vemos o grande dente branco e triangular preso a um buraco no casco do navio. Ele retira o dente com uma faca e, satisfeito, começa a nadar de volta... quando então algo que apenas ele ouve ou percebe o faz virar as costas.

Quando acordei gritando, meu amigo não teve dificuldades de identificar que a fonte dos meus terrores noturnos era o corpo mortalmente pálido de Gardner escorregando em silêncio para fora do buraco no barco. Ele nem mencionou o tubarão, ou qualquer outra cena do filme. “Foi o cara, não foi?” ele perguntou. “O cara com o olho pra fora?”

“Foi”, eu disse, profundamente magoado, e prometi a ele: “nunca mais vou ver um filme de terror.”

Capítulo 2 – Sobre os ossos do ofício

Quando o assunto é terror, é difícil não mencionar o nome de Stephen King. Nascido em 1947, Steve (como gosta de ser chamado)¹⁷ alcançou um nível de sucesso e prestígio quase sem precedentes dentro do gênero de terror ainda na juventude. Com o sucesso alavancado por icônicas adaptações de seus livros nas mãos de diretores como Brian DePalma (*Carrie, A Estranha*, lançado dois anos após o livro em 1976) e Stanley Kubrick (*O Iluminado*, de 1980), King foi mais capaz que quase qualquer autor de sua geração de unir uma grande demanda por suas histórias com sua produtividade incomparável, publicando dois, e às vezes três ou até quatro livros por ano a partir dos anos oitenta.

O que talvez explique o porquê de, eventualmente, Steve ter escrito tanto que chegou ao ponto de escrever um livro do qual ele mesmo não gostava. Ou, podemos dizer — já que é disso que estamos falando — um livro que assustou até ele próprio.

2.1 “Eu sabia que aquelas histórias o faziam se sentir mal também...”

Ao contrário de Barker (a quem Steve referiu como “o futuro do terror”, frase que saiu impressa nas primeiras edições americanas de *Livros de Sangue*), King sempre pareceu razoavelmente à vontade como *escritordeterror*¹⁸, e o título de Mestre ou (num trocadilho oportuno) Rei do Terror caiu como uma luva. Ele chegou a publicar, em 1982, um livro para “provar” que era capaz de escrever fora do gênero, uma coletânea de quatro histórias chamada *Quatro Estações*¹⁹ mas, num bem-humorado posfácio para o livro, ao pensar em outros escritores que também foram rotulados de tal maneira — como Lovecraft, Shirley Jackson e Richard Matheson — ele chega à conclusão: “podia estar em pior companhia.”²⁰

Verborrágico e opinioso por natureza, King também aproveitou as oportunidades que teve para dar seu próprio parecer, em textos de não-ficção, sobre o gênero que o tornara famoso e rico, sempre muito consciente da aparente contradição em se pagar dinheiro, de boa vontade, para ficar morrendo de medo. Ele escreveu um longo prefácio sobre o assunto para sua primeira coletânea de contos, *Sombras da Noite* (1976) e,

¹⁷ ROGAK, Lisa, op. cit., p.12

¹⁸ Certos personagens de King costumam juntar expressões das quais têm medo numa palavra só. Em *Carrie*, a mãe altamente religiosa da protagonista se refere aos seios de uma mulher como *travesseirossujos*, e em *It: A Coisa*, uma personagem usa expressão *livrodeterror*, numa cena mencionada logo mais.

¹⁹ Uma tradução literal do título original seria *Estações Diferentes*, dando uma ideia um pouco mais clara de suas intenções.

²⁰ KING, Stephen. **Quatro Estações**. Rio de Janeiro: Suma, 2013, p.549.

posteriormente, um livro inteiro, *Dança Macabra* (1980), sobre o fenômeno do horror no cinema e na literatura. Em geral sempre muito positivo com relação à escrita e seu papel na vida de uma pessoa, King se refere já no primeiro desses textos à questão da não-escolha mencionada anteriormente:

Às vezes falo diante de grupos de pessoas interessadas pela escrita ou pela literatura (...) alguém sempre se levanta e indaga: Por que você escolheu escrever sobre temas tão horríveis?

Normalmente respondo com outra pergunta: *Por que você acha que eu tenho escolha?*²¹

Mas seus textos de não-ficção dificilmente seriam mais eloquentes que seu habitat natural, e muito do melhor que King teve para dizer ao longo dos anos sobre a escrita se encontra em seus romances e contos. Afinal, muitos de seus protagonistas foram, eles mesmos, escritores. O autor mergulhou em terrenos altamente alegóricos em romances como *Misery* (1987) e *A Metade Sombria* (1989), livros que só não se tornaram fábulas à lá George Orwell pela grande habilidade do escritor no terreno do suspense e do entretenimento. Ele levou anos para admitir que a personagem Annie Wilkes, que sequestra seu escritor favorito Paul Sheldon e o força a escrever um novo livro, era uma metáfora para seu vício em cocaína na época: “Annie era meu problema com as drogas, e ela era minha fã número um”²².

Se Steve foi capaz de provar algo com *Quatro Estações* (e, posteriormente, com outras obras como *Eclipse Total*, de 1992, e a trilogia *Mr. Mercedes*, publicada entre 2014 e 2016), certamente foi que conseguia ficar longe dos aspectos sobrenaturais do terror e ainda fazer um bom trabalho; mas o tema principal de sua obra, no fim, jamais deixou de ser algo que é a especialidade do gênero: o medo. Em *It: A Coisa* (1986), talvez seu livro mais icônico, King faz um verdadeiro estudo de caso do assunto, junto com aquele outro tópico já estabelecido como necessário ao horror: a imaginação. O romance tem características enciclopédicas, seja pela presença em peso de um grupo de sete protagonistas; pelas longas páginas dedicadas ao “oitavo passageiro” do livro, a própria cidade fictícia onde ele se passa, Derry; ou porque, no curso de suas 1104²³ páginas, o

²¹ KING, Stephen. **Sombras da Noite**. Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2008, p.12.

²² KING, Stephen. **Cujo**. Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2016, p.369.

²³ Edição da Editora Suma, de 2014.

livro vai e volta na vida dos protagonistas, mostrando-os enfrentando o mesmo mal como crianças e como adultos.

Como não podia deixar de ser, um desses protagonistas é — ou melhor dizendo, se torna — escritor. Aos onze anos de idade, Bill Denbrough foi o líder do grupo de sete amigos (denominados o ‘Clube dos Otários’) no verão 1958 quando enfrentaram a *coisa* do título, um ser sobrenatural e incomensuravelmente antigo que, dentre muitas formas, tende a escolher a de um palhaço chamado Pennywise, que usa para atrair e devorar criancinhas. É o que faz com o irmão menor de Bill, Georgie, no famoso primeiro capítulo do livro. Nos anos que se seguem ao confronto, seis dos sete personagens, incluindo Bill, deixam a cidade de Derry e, pouco a pouco, perdem quase totalmente as memórias da infância, apesar da promessa solene que fizeram de retornar caso Pennywise ainda estivesse vivo.

Vinte e sete anos depois, pouco antes de descobrir que a Coisa retornou e os horrores se reiniciaram, um dos Otários, Stanley Uris, descobre que seu amigo de infância Bill se tornou escritor, e começa a devorar todos os seus livros. Sua esposa, Patty, não gosta tanto da ideia:

E havia a coisa com os livros. Devia tê-lo alegrado; mas, de alguma forma obscura que ela não entendia, pareceu tê-lo aborrecido e deprimido. Cerca de três meses antes daquela noite terrível, Stanley descobriu que um amigo de infância dele tinha virado escritor. (...) O nome nos livros era Willian Denbrough, mas Stanley às vezes o chamava de Bill Gago. Ele leu quase todos os livros do sujeito; (...) Patty mesma pegara para ler um dos primeiros, por pura curiosidade. Acabou parando depois de apenas três capítulos.

Não era apenas um romance, disse ela para a mãe mais tarde; era um livrodeterror. Ela falou dessa maneira, como se fosse uma palavra só, como teria dito livrodesexo. (...) Ela queria contar à mãe o quanto aquele livro a assustara e por que a incomodara, mas não conseguiu.²⁴

A reação pode parecer exagerada, mas, dado o que acontece depois — Stanley recebe uma ligação de Mike Hanlon, o último dos Otários a ainda residir em Derry, que

²⁴ KING, Stephen. **It: A Coisa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p.48.

o informa do retorno da Coisa, e acaba por tirar a própria vida por conta do medo — os livros de Denbrough ganham uma proporção de mau agouro para Patty:

— Era cheio de monstros — disse ela. — Cheio de monstros atrás de criancinhas. Havia mortes e... não sei... sentimentos ruins e dor. Coisas assim. (...) — Mas Stan parecia ter redescoberto um dos amiguinhos de infância... Ele falou em escrever para ele, mas eu sabia que ele não ia... Eu sabia que aquelas histórias o faziam se sentir mal também...²⁵

Como seus fãs, King é apaixonado pelo livro, que diz ser sobre “a maneira como nós usamos a imaginação em diferentes momentos da vida.”²⁶ Que Bill tenha usado a sua para escrever sobre os horrores que assolaram sua infância, mesmo após perder suas memórias dela, não chega a ser uma surpresa. Que os livros tenham tido um papel tão macabro na morte de Stan, entretanto, parece ser algo um pouco fora do comum para quem vê o lado mais otimista de King como escritor. Mas o autor, que já afirmou ter “medo de tudo”²⁷, muito antes da escrita de *It: A Coisa*, acabou usando sua imaginação para mergulhar fundo no que provou ser seu maior temor, com consequências que impressionaram até ele próprio.

2.2 “Saiu de um verdadeiro buraco na minha psique”

“Como você começou a escrever?” é uma das perguntas mais frequentes que recebo quando digo que sou escritor, mais até, talvez, do que a temível “de onde você tira suas ideias?”²⁸ Sempre que a ouço percebo um subtexto, certamente autogerado, que diz “por quê, em nome de Deus, você foi fazer isso?”

O responsável pela coisa toda foi, afinal, o próprio Stephen King. Eu havia começado a ler livros há pouco tempo, nos últimos meses do segundo ano do Ensino Médio. Acabei me interessando pelo terror através de Edgar Allan Poe, e por suspense policial com o filme *O Silêncio dos Inocentes* (1991), cujo livro original de Thomas Harris me dei de presente de aniversário aos dezessete anos. Eram livros que, constantemente,

²⁵ KING, Stephen, op. cit., 2014, p.49

²⁶ KING, Stephen, op. cit., 2016, p.356.

²⁷ ROGAK, Lisa, op. cit., p.10.

²⁸ É importante lembrar que, por mais enfastonhas que essas possam parecer, a pior pergunta que um escritor pode receber ainda é: “quando é que você vai arrumar um emprego de verdade?”

me deixavam pensando: “eu preciso ler mais!” O livro que, por fim, me fez pensar “eu preciso *escrever!*” foi *O Cemitério* (1983).

Não consigo me lembrar de forma alguma como ouvi falar de Stephen King. Talvez (mas é realmente um chute) através de um dos meus filmes favoritos na infância, *Um Sonho de Liberdade* (1994), escrito e dirigido por Frank Darabont e baseado na primeira história de *Quatro Estações*, o livro que Steve escreveu, justamente, para provar que não escrevia apenas terror. Mas foi buscando Terror, com T maiúsculo, que me encaminhei para um shopping local em alguma tarde de 2013 a fim de comprar um dos livros desse autor que, segundo li na internet, era o melhor que havia no negócio.

Era um período de transição na publicação do autor no Brasil, antes da aquisição da Objetiva pelo Grupo Companhia das Letras. Hoje, com quase oitenta livros no catálogo da Editora Suma, qualquer livraria tem ao menos uma dezena de títulos à disposição. Na época, havia apenas dois: um em cada uma das duas livrarias do shopping. Um deles era *À Espera de um Milagre* (1996), um dos livros mais belos e bem escritos de King e que, apesar de certamente sobrenatural, não deixa de ser uma das melhores incursões para longe do terror feitas pelo autor. Ele também recebeu uma adaptação de Darabont, em 1998, que assisti na infância.

O outro era o livro que (embora eu não soubesse disso) King detestava e queria jamais ter publicado.

“Esse livro é muito pessoal”, King explicou a um entrevistador em 2006. “Tudo nele — até o momento em que o garotinho é morto na estrada —, tudo é verdade”²⁹. *O Cemitério* trata de um médico, Louis Creed, que se muda com a família, esposa e dois filhos, para a cidade de Ludlow, no Maine, onde ele assume um cargo na universidade local. A casa que os Creed alugam tem um belo bosque nos fundos e fica na beira de uma estrada traiçoeira, onde grandes caminhões passam em alta velocidade. A incidência de morte entre bichinhos, inclusive os de estimação, era tão alta que as crianças da vizinhança cuidaram de fazer um cemitério de animais (marcado por uma adorável placa, “Simitério de Bichos”) no bosque logo atrás da casa que os Creed ocuparam.

King não estava brincando quando contou ao entrevistador que tudo no livro, até antes do pior momento, era verdade. Ele havia tomado uma posição como professor na mesma universidade; tal como Louis, no livro, King encontrou o gato de sua filha Naomi atropelado por um dos caminhões. Até mesmo um dos diálogos mais memoráveis do

²⁹ KING, Stephen, op. cit., 2016, p.348.

romance, quando o pai tenta explicar a mortalidade para a filha, Ellie, e ela responde “Ele é o meu gato! Ele não é o gato de Deus! Deus que fique com o gato dele!”³⁰ foi inspirado na reação de Naomi ao incidente. A semelhança vai até o ponto em que o filho mais novo de King, Owen, na época com dois anos, saiu correndo em direção à pista logo quando um dos caminhões se aproximava, e Steve o alcançou por pouco. O ocorrido, segundo sua biógrafa Lisa Rogak, provou a King que o pior de seus medos era perder um dos próprios filhos.³¹

A imaginação entrou quando Steve incluiu na história um outro cemitério, este muito mais fundo adentrando a floresta ao redor da casa, que tinha o poder de ressuscitar os mortos — com consequências severas, é claro, tanto para os personagens quanto, aparentemente, para o escritor:

Depois você pensa: “É preciso ir um pouco além”. Se vai embarcar nesse processo de luto — o que acontece quando um filho morre —, é melhor ir até o fim. E eu fui. Eu tenho orgulho disso, porque fui até o fim, mas foi uma experiência horrorosa no final, muito desagradável. Quer dizer, não existe esperança para ninguém no fim do livro. Normalmente, mostro meus rascunhos para minha esposa, Tabby, mas esse não mostrei. Quando terminei, guardei numa escrivaninha e deixei lá.³²

King só permitiu que o livro fosse publicado anos depois para se livrar de um acordo contratual abusivo com sua primeira editora, a Doubleday. “Aquele saiu de um verdadeiro buraco na minha psique”, ele disse, e em outra ocasião comentou: “Pela minha vontade, até hoje não teria publicado *O Cemitério*. Não gosto dele. É um livro terrível (...) Parece dizer que nada funciona e nada vale a pena, e eu não acredito nisso.”³³

2.3

Não tenho mais a cópia de *O Cemitério* que comprei naquele dia em 2013 — emprestei o livro a uma colega de escola e ele voltou de tal forma que parecia ter sido atropelado por um dos caminhões da Orinco citados do romance — mas tenho uma versão

³⁰ KING, Stephen. *O Cemitério*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p.53

³¹ ROGAK, Lisa, op. cit., p.108.

³² KING, Stephen, op. cit., 2016, p.349.

³³ ROGAK, Lisa, op. cit., p.144.

mais nova. Não cheguei a relê-lo ainda. Quando penso no meu entusiasmo aos dezessete anos por esse livro, e no fato de que foi ele que me propeliu em direção à escrita para início de conversa, não consigo deixar de sentir arrepios. Afinal, de forma retrospectiva, concordo com King: não gosto dele, o que vai além de quaisquer análises literárias ou estilísticas. Como já estabelecemos, o terror não é apenas a respeito de sustos gratuitos. Os *jump scares*, porém, em sua simplicidade, são muito mais fáceis de lidar. E quando a escrita parece nos dizer algo? E quando as palavras parecem morder?

Considerações Finais

“Vejo o terror como uma catarse por meio do entretenimento”, comenta o cineasta Jordan Peele, um dos mestres contemporâneos do gênero, na introdução da coletânea *Quem Vai te Ouvir Gritar*, que reúne histórias de terror de autores negros. Tal qual Barker, Peele tem jeito de lembrar que há algo de necessário nesse ofício, para todo mundo: “É um jeito de representar nossas dores e medos mais profundos — para pessoas negras, porém, por muitas décadas isso não foi possível, já que as histórias sequer eram contadas.”³⁴

King pode não ter gostado de *O Cemitério* e tê-lo engavetado por anos (embora não destruído o manuscrito, como se pode notar), mas não deixou de gostar de escrever. Ele passou a trabalhar em seguida em *Christine* (também publicado em 1983), um de seus livros mais divertidos. No verão de 1999, recuperado dos problemas com drogas e sóbrio há quase uma década, ele foi atropelado por um furgão num acidente famigerado que quase lhe tirou a vida. Em seu livro-de-memórias/manual-de-escrita, *Sobre a Escrita*, Steve relembra os dias cerca de cinco semanas após o acidente em que se confrontou com a perspectiva de voltar a escrever:

Eu não *queria* voltar ao trabalho. Estava sentindo muita dor, não conseguia dobrar o joelho direito e era obrigado a usar um andador. Não me imaginava sentado atrás de uma mesa por muito tempo, nem mesmo de cadeira de rodas (...).

Ao mesmo tempo, eu sentia que tinha chegado a um daqueles momentos de encruzilhada em que não há mais alternativas. Eu já tinha enfrentado muitas situações terríveis antes, e a escrita me ajudara a superá-las (...). Talvez ela me ajudasse outra vez³⁵

Ao longo deste trabalho, busquei refletir da melhor forma que pude o porquê de se fazer literatura de terror, mas também admitir que há partes ruins em se escolher esse trabalho específico como profissão, um lado que é raramente mencionado pelos escritores. “O que fazer quando o trabalho fica difícil?” certamente não é uma dessas perguntas de fácil resposta. É capaz que seja uma dessas coisas um pouco grandes demais para serem simples, como o amor.

³⁴ PEELE, Jordan; ADAMS, John Joseph [orgs.]. **Quem Vai te Ouvir Gritar**. Rio de Janeiro: Suma, 2024, p.7-8.

³⁵ KING, Stephen. **Sobre a Escrita**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015, p.226.

Falando em amor, uma das minhas frases favoritas de Steve se encontra na novela *O Corpo*, a terceira de *Quatro Estações*: “O amor não é doce como esses poetas dizem. O amor tem dentes que mordem, e as feridas nunca fecham.”³⁶ Sempre achei essa frase tremendamente verdadeira, e nunca a vi, nem uma única vez, como motivo para não se amar alguém.

É verdade sobre o amor e, quem sabe, seja verdade para escrita também.

³⁶ A tradução é livre da citação original, mas o trecho se encontra em: KING, Stephen. **Quatro Estações**. Rio de Janeiro: Suma, 2013, p.461-462.

Referências Bibliográficas

- BARKER, Clive. **Livros de Sangue: Volume 1**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2020, p.15.
- DOYLE, Arthur Conan. **Um Estudo em Vermelho**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013
- EBERT, Roger. **The Exorcist Movie Review & Film Summary**. Disponível em: <https://www.rogerebert.com/reviews/the-exorcist-1973>. Acesso em: 08 de julho de 2025.
- KING, Stephen. **Sombras da Noite**. Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2008
- KING, Stephen. **Quatro Estações**. Rio de Janeiro: Suma, 2013.
- KING, Stephen. **O Cemitério**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013
- KING, Stephen. **Dança Macabra: o terror no cinema e na literatura dissecado pelo mestre do gênero**. 2. ed. Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2013.
- KING, Stephen. **It: A Coisa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014
- KING, Stephen. **Sobre a Escrita**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015
- KING, Stephen. **Cujo**. Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2016
- PEELE, Jordan; ADAMS, John Joseph [orgs.]. **Quem Vai te Ouvir Gritar**. Rio de Janeiro: Suma, 2024
- ROGAK, Lisa. **Stephen King, a biografia – Coração Assombrado**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2013.
- STOKES, Phil & Sarah. **Mundos Sombrios de Clive Barker**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2023.
- Ask the Author: Clive Barker**. Disponível em: https://www.goodreads.com/author/10366.Clive_Barker/questions. Acesso em: 08 de julho de 2025.
- Books of Blood: Volumes One to Three**. Disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/32626.Books_of_Blood?ac=1&from_search=true&qid=mx7x7ov7YL&rank=1. Acesso em: 08 de julho de 2025.
- Clive Barker interviewed by Craig Ferguson (“Clive Barker scares Craig Ferguson”)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yiYv4NpLc-k>. Acesso em: 08 de julho de 2025.